



Vital Didonet

Rede Nacional Primeira Infância

A EDUCAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

Fala na I SEMANA ESTADUAL DE VALORIZAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA e VI SEMANA DE VALORIZAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA DO TJERJ

10/3/2021

O tema de minha fala é educação no tempo da pandemia. Talvez muitos dos que participam deste Seminário, por estampar o título Valorização da Primeira Infância, esperem que eu fale sobre a educação infantil no contexto da pandemia. Tenho que me ater ao tema do programa, mas lhes asseguro que os itens para os quais convido vocês a refletir comigo se aplicam igualmente ao cuidado e educação da criança na primeira infância.

Tenho certeza de que todos vocês têm percebido que, depois da saúde e da pesquisa para vencer o coronavírus, a educação foi, no ano passado e continua no começo deste. o assunto mais presente nas preocupações mundiais, nos debates e nas decisões da maioria dos países.

No Brasil não foi diferente. Neste começo do segundo ano da pandemia o confronto de opiniões e decisões está ainda mais intenso do que em 2020. Tornou-se quase rotineira a decisão do abre e fecha das escolas, o debate sobre educação remota versus presencial ou educação híbrida, o problema do acesso digital por parte das famílias dos alunos, o uso de outras vias para chegar às crianças e adolescentes sem acesso às tecnologias digitais de comunicação.

- Organizações preocupadas com a ausência de muitos milhões de alunos durante

um ano inteiro sem irem à escola e sem acesso digital chegaram a estimar os prejuízos econômicos que isso vai acarretar para os países e os prejuízos sociais que a perda de um ano de estudo causa para os próprios estudantes;

- Os pais se fazem presentes nesse debate e pressionam decisões, uns para as escolas reabrirem; outros, recusando-se a mandar seus filhos à escola temendo a contaminação;
- Sindicatos de professores entram na Justiça para preservar seu direito de não se expor a tamanho risco sem que medidas sanitárias sejam tomadas para garantir sua saúde, de seus alunos e dos familiares.
- A Justiça, ora manda reabrir, ora determina o fechamento das escolas; aqui atende à decisão do governo, lá decide contrariamente a ele.

Esses confrontos de opiniões, de ideias, de vontades e decisões fizeram parte do cotidiano de quantos estão envolvidos com a educação – pais, crianças, adolescentes, jovens, professores, secretários de educação, diretores de estabelecimentos de ensino, donos de escolas privadas, os governantes, e também, de

forma intensa, os profissionais de saúde, quase sempre chamados a participar das decisões e das orientações quanto aos protocolos de segurança sanitária.

Esse vai e vem perdurará no Brasil enquanto a pandemia continuar se agravando. Mas, a par das medidas de proteção e da pressão para que a vacina chegue a todos, precisamos apreender as mensagens que essa dolorosa experiência nos ensina e transformá-las em lições de política educacional.

De forma sintética e com a singeleza da minha análise, vou lhes apresentar sete lições que podem nos ajudar a fazer a educação em nosso país ser mais democrática, mais conectada à vida e mais fértil em aprendizagens. São elas sobre:

- 1º O lugar e o significado da escola na representação social, no imaginário das pessoas;
- 2º A relação entre as experiências da vida cotidiana e o currículo escolar: o significado da expressão “educação e vida”;
- 3º A importância que a sociedade, os governos e as famílias atribuem aos professores;
- 4º A imprescindibilidade do relacionamento escola e família, professores e pais e seus benefícios para a aprendizagem dos alunos;
- 5º A necessidade do acesso digital e o direito das famílias à tecnologia da informação e da comunicação para a educação remota e dos alunos na educação escolar;
- 6º A necessidade de formar os professores nas áreas das tecnologias digitais de informação e comunicação;
- 7º O avanço na aplicação prática da concepção holística da criança.

1º - O LUGAR E O SIGNIFICADO DA ESCOLA NA REPRESENTAÇÃO SOCIAL, NO IMAGINÁRIO DAS PESSOAS

Qual é a imagem que as pessoas – a sociedade em geral e os pais, em particular – têm da escola? A variedade é grande; algumas representações estão muito aquém do papel que a escola exerce na formação dos cidadãos, na formação das competências sociais, emocionais e cognitivas para a vida; outras se aproximam do que a LDB estabelece como finalidade da educação escolar, portanto, do papel dos estabelecimentos de ensino. O fechamento das escolas durante a pandemia chacoalhou conceitos e preconceitos, experiências e expectativas. As falas dos pais revelam diferentes concepções, que vão de um extremo ao outro, desde aquela correspondente às finalidades estabelecidas pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, da Base Nacional Comum Curricular, até aquelas que se expressam nesta reclamação: “Abram logo a escola porque não aguento mais os filhos 24 horas por dia em casa”. Quantos pais expressaram a admiração pelo que a escola fazia por seus filhos! Outros disseram que nunca tinham prestado atenção ao que era feito, ensinado ou apreendido na escola, e que, agora, se aperceberam que não era pouco. Confiavam plenamente na creche, na pré-escola e nos professores, não se importando em acompanhar os filhos, em ver seus livros, em foliar seus cadernos, em fazer algum dever de casa com eles. Havia aqueles pais não viam os bilhetes que a professora punha na mochila da criança, sendo, para eles, a creche ou a pré-escola uma “babá institucional”? a ela cabia cuidar de seus filhos, ainda mais se estivessem pagando por isso. E agora passaram a ver quão maravilhoso, competente, admirável é o trabalho da creche, da pré-escola, da escola, e que sem elas jamais seria possível que seus filhos se desenvolvessem e aprendessem o que estão aprendendo. Ope-rou-se uma mudança na representação social da escola.

Em síntese,

- a escola fechada abriu a mente de muitas famílias para o significado educacional e pedagógico que ela tem na educação e na aprendizagem de seus filhos. Isto, muito além do papel de proteção e de mero cuidado físico;
- as escolas fechadas por tanto tempo sacudiram o quase indiferentismo ou o pouco caso daqueles governantes que têm sido parcimoniosos no orçamento público para a educação, que acham que a educação já tem recursos suficientes e resistem a escutar os professores nas suas demandas por melhores condições de trabalho escolar;
- o não ir à escola, por estar fechada, tornou consciente e acentuou o sentimento das crianças de pertencimento àquele espaço de convivência, de interações, de conhecimento do mundo. Muitas crianças disseram que estão com saudade de sua professora, de seus professores, de seus amigos e colegas. Quantas crianças choraram de emoção ao ver a professora aparecer na frente da sua casa para dar um beijo e um abraço de longe! Emocionamo-nos com as expressões desses sentimentos. Eles são o clima psicológico da aprendizagem. Aprende-se com afeto, mormente na educação infantil. Ainda bem que a neurociência passou a acrescentar a dimensão afetiva ao cognitivo, evitando leituras equivocadas de que esse fosse apenas um processo químico de conexões neurológicas em consequência de estímulos elétricos chegados dos sentidos. Mais que nunca percebemos a atualidade da afirmação do psicólogo russo Leontiev de que o cérebro é um órgão social e, podemos acrescentar, emocional;

A pandemia abriu no imaginário social uma atitude de admiração e de respeito à escola e maior compreensão de quanto ela é imprescindível, como agência social e educacional. É importante que essa nova representação social

seja fortalecida pela resposta que a escola deve dar sob a forma de qualidade da educação e pela força do conhecimento nela adquirido, reconstruído e descoberto.

2º - A RELAÇÃO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DA VIDA COTIDIANA E O CURRÍCULO ESCOLAR: SIGNIFICADO DA EXPRESSÃO “EDUCAÇÃO E VIDA”

Os romanos tinham um ditado que vale para todos as épocas e lugares: Non scholae sed vitae discimus. Não aprendemos para a escola, mas para a vida. Não ensinamos porque está no currículo, porque deve ser registrado no Diário de Classe; não aplicamos prova para dar nota e aprovar os alunos, mas para que eles se postem diante do mundo com os olhos abertos, capazes de ver, julgar, decidir e agir. Capazes de fazer suas vidas em cooperação com os outros. Vale recordar o relato do Eduardo Galeano: O pai convidou o filho para um passeio; andaram por longo tempo num areal até subirem um morro. De lá de cima eles viram descortinar-se o mar. Imenso, azul, em movimentos de ondas que viravam espuma na praia. O menino, surpreso, maravilhado, olhou para o pai e disse: “Pai, me ensina a ver”. Esta é a função do professor: tomar a mão da criança e caminhar com ela (= pedagogo) e mostrar o mundo como objeto de conhecimento, que começa com o espanto, com a admiração, e chega à compreensão.

O isolamento social nos ensinou ou reforçou a noção de que o currículo escolar deverá ter uma relação mais direta com as experiências cotidianas das crianças e dos adolescentes: O que eles vivem, sentem, experimentam, sofrem, o que fazem em casa, na rua, no bairro, na cidade, em todos os ambientes que frequentam deve ser matéria de trabalho escolar.

Ao receber as crianças na creche, na pré-escola, no ensino fundamental, e também no médio, em vez de tentar “recuperar o tempo perdido”,

“repor a matéria não estudada”, os professores deverão puxar as experiências, os sentimentos, os pensamentos, as sensações vividas por elas e com elas recriá-los não mais como medo, desagrado e sofrimento, mas acontecimentos que enfrentam como sujeitos, a distância no espaço e no tempo, e com a mediação do professor e do grupo. A narração, o desenho, a dramatização, a arte, são formas de recriar o vivido, retirando-lhe o véu da desagradável surpresa, e com maior capacidade de superação. Neles se podem encontrar os conteúdos do currículo e eles extrair valores que formam o estar e agir no mundo real. Na educação infantil, ao pegarem os direitos de aprendizagem apresentados na BNCC, as professoras verão que todos eles podem ser trabalhados pedagogicamente a partir das vivências das crianças. E no ensino fundamental e médio, a narrativa e a representação daquelas vivências são férteis campos de conhecimentos curriculares de português, de literatura, de matemática, biologia, estudos sociais, geografia, história etc....

3º - A IMPORTÂNCIA QUE A SOCIEDADE, OS GOVERNOS E AS FAMÍLIAS DÃO AOS PROFESSORES

De forma semelhante à valorização da escola como locus privilegiado da educação e da aprendizagem, os professores também ganharam maior reconhecimento de quão importantes são, quanto são competentes em cuidar e ensinar as crianças e os adolescentes. Alguns pais disseram: eu não estou dando conta de dois filhos pequenos em casa o dia inteiro, não sei como a professora aguenta 15, 20 meninos e meninas, sem nunca reclamar, sem nunca bater, sem nunca perder a paciência! Outros disseram que não se sentiam capazes de ensinar, de orientar as atividades enviadas pelos professores para seus filhos, que só os professores são capazes. São infundos os relatos que atestam a admiração e o respeito pelos professores e pelas professoras.

Esperamos que dessa consciência brote um discurso e uma prática política de apoio aos professores na promoção de melhores condições de ensino e aprendizagem, de um ambiente escolar equipado com brinquedos, parquinhos criativos, espaços verdes, laboratório, e, quando for o caso, equipamentos digitais para pesquisa e produção.

Pensamos também que essa experiência sobre o papel dos profissionais da educação gere maior empenho dos governos, da sociedade e das famílias em assegurar o plano de carreira, a remuneração condigna e as oportunidades de formação continuada, elementos cruciais na valorização dos professores e para a qualidade da educação.

4º - A IMPRESCINDIBILIDADE E OS BENEFÍCIOS PARA A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO RELACIONAMENTO ESCOLA E FAMÍLIA, PROFESSORES E PAIS

É recorrente o relato de professores de que poucos pais se envolvem nos assuntos da escola, que a participação é difícil, e, de outra parte, o relato de pais de que a escola só os chama para assuntos administrativos, nunca foram envolvidos na construção do projeto pedagógico e raramente são chamados para conversar sobre projetos e métodos pedagógicos.

A pandemia foi uma forçada oportunidade para se reinventar a relação entre a escola e a família, entre os pais e os professores, pois era preciso chegar, por meio deles, aos alunos. Abriam-se canais de comunicação, estabeleceu-se o diálogo, os pais passaram a consultar os professores sobre as atividades sugeridas para fazerem com seus filhos, sobre as matérias de estudo e os exercícios que enviavam aos seus filhos.

A Escola passou a saber mais das famílias de seus alunos. Foram feitas pesquisas sobre a si-

tuação econômica, sobre o acesso digital, sobre as condições ambientais, no domicílio, para a educação remota. Esse relacionamento precisa continuar, porque ele abriu um canal de comunicação que muito interessa às crianças. Quanto mais sintonia entre a escola e a família mais segurança, interesse e alegria as crianças e os adolescentes terão em aprender e demonstrar seus novos conhecimentos.

5º - A NECESSIDADE DO ACESSO DIGITAL E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.

Pesquisas de sistemas de ensino identificaram que entre 45 e 60% das famílias dos alunos da escola pública não têm acesso à internet ou não dispõem de equipamentos digitais capazes de baixar programas, receber as lições que a escola queria enviar para os alunos estudarem em casa. Esses ficaram privados de aprendizagens fundamentais durante longo tempo. Felizmente, os professores e os técnicos de secretarias de educação foram criativos em inventar meios de chegar às famílias, de criar lições, sugerir atividades, acompanhar os alunos no esforço de aprender longe da escola e dos professores.

Ficou evidenciado o papel da internet e dos aparelhos digitais para acesso ao mundo do conhecimento – não na creche, de forma inicial e restrita a partir da pré-escola, e com maior importância nos ensinos fundamental e médio – e ficou também escancarada a enorme e injusta desigualdade social no acesso à internet e nas restrições que o não acesso impõe à aprendizagem de metade dos alunos brasileiros. A desigualdade no acesso à internet e no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação é fator de agravamento da desigualdade social e econômica. Por isso, o governo deve fazer um comitê com dirigentes da educação, da economia e das comunicações para elaborar

e viabilizar um plano que leve a internet estável e facilite a aquisição dos aparelhos digitais para fins educacionais às famílias das classes de renda mais baixa. O FUST (Fundo de universalização dos serviços de telecomunicações – Lei nº 9.998/2000) tinha, entre seus objetivos, o de levar internet banda larga para as escolas públicas e para as sem fim lucrativo que atendessem crianças com deficiência (art. 1º, § 5º), mas alguma resistência cuja procedência ignoramos manteve aquele fundo inoperante pelo menos no que diz respeito ao uso de seus recursos para fazer a internet chegar às escolas.

No caso da educação infantil, a tecnologia digital de informação e comunicação deve ser usada exclusivamente (ou predominantemente) para as comunicações entre a escola e a família, os professores e os pais. A Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda “Desencorajar, evitar e até proibir a exposição passiva em frente às telas digitais para crianças com menos de 2 anos”; “Limitar o tempo de exposição às mídias ao máximo de 1 hora por dia, para crianças entre 2 a 5 anos de idade”; “Estabelecer limites de horários e mediar o uso com a presença dos pais para ajudar na compreensão das imagens” etc. (Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital, disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf).

Não podemos fazer educação democrática no sentido pleno num cenário de extrema desigualdade no acesso e no uso educacional da internet.

6º - A NECESSIDADE DE FORMAR OS PROFESSORES NAS ÁREAS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Quando eram estudantes na universidade, essa matéria não fazia parte do currículo da Pedagogia. Uns professores foram adquirindo habilida-

des por iniciativa própria e se tornaram bons no manejo dos aparelhos digitais e até na produção de materiais pedagógicos. Mas a maioria foi confrontada, no início de 2020, com o desafio de produzir aulas, atividades e exercícios para seus alunos e enviar-lhes por e-mail ou pelo celular. Por isso, é necessário também desenvolver plataformas digitais ou aperfeiçoar as já criadas por algumas secretarias de educação, com interfaces e que sejam fáceis de usar.

Dao triplo direito, que gera três necessidades: (a) formar os professores para as competências em usar as melhores possibilidades das tecnologias digitais e para produzirem material pedagógico para a educação remota e para a educação híbrida, de sorte a combinar a presencial e a remota de forma complementar. Creio ser válido acrescentar que o uso não será apenas para a produção e envio aos alunos e sim, também, para intercâmbio entre os professores, produção em equipe etc., (b) assegurar a todos os professores, independentemente de seu nível econômico, o acesso à internet de boa qualidade em suas casas e (c) oferecer gratuitamente um equipamento digital de alta performance para o trabalho docente a distância. Numa sociedade tecnológica, estes três itens são direitos docentes.

7º - SINALIZA-SE UM AVANÇO NA COMPREENSÃO PRÁTICA DA CONCEPÇÃO HOLÍSTICA DA CRIANÇA.

A observação prática e relatos espontâneos dos pais sugerem que a concepção holística da criança, muito bem exposta já em 2010, no Plano Nacional pela Primeira Infância e reforçada, em 2016, no Marco Legal da Primeira Infância, ganhou força durante a pandemia.

Fez-se mais fina e acurada a percepção da relação intrínseca entre saúde física, saúde mental, bem-estar, liberdade e espontaneidade para brincar e estudar, alimentação saudável, atenção carinhosa dos pais, não-violência física ou moral, aprendizagem, assistência social à criança e à família etc. Nenhuma área consegue sozinha apreender o complexo da vida infantil nem atender bem a criança no mistério de sua subjetividade, dos fatores que entram na formação do seu eu-pessoal. E enquanto não se chegar perto desse ponto, a atenção será exterior e superficial, e a verá mais como objeto do que como sujeito, mais como problema do que como abertura para a vida. Foi, e continuará sendo criativa, a ação conjunta de diversos setores (não restritos aos sempre citados como exemplo e que acaba funcionando como reducionismo: saúde, educação e assistência social) que abordam os vários direitos da criança pequena.

Concluo com a afirmação de minha certeza de que o Brasil não vai desprezar nem subvalorizar as lições que este sofrido e longo tempo de pandemia nos ensinou para corrigir e melhorar a gestão da educação pública, porque a educação de qualidade para todos desde a creche abre o coração e a mente para o fascínio do saber e do fazer, produz a alegria de aprender, ensina a convivência, realiza as potencialidades pessoais, forma a base da cidadania e cria as condições do desenvolvimento social, cultural e econômico do país.

